

**RYAN**  
GRAUDIN



Tradução  
GUILHERME MIRANDA

**SÉQUINTE**  
O selo jovem da Companhia das Letras

Copyright © 2015 by Ryan Graudin

Publicado mediante acordo com Little, Brown and Company, Nova York, Nova York, EUA.

Todos os direitos reservados.

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

TÍTULO ORIGINAL Wolf by Wolf

CAPA Alceu Nunes

PREPARAÇÃO Lígia Azevedo

REVISÃO Renato Potenza Rodrigues e Larissa Lino Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

---

Graudin, Ryan

Lobo por lobo / Ryan Graudin ; tradução  
Guilherme Miranda. — 1ª ed. — São Paulo : Seguinte,  
2016.

Título original: Wolf by Wolf.

ISBN 978-85-5534-019-2

1. Ficção juvenil I. Título.

16-06238

CDD-028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura juvenil 028.5

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.seguinte.com.br](http://www.seguinte.com.br)

[www.facebook.com/editoraseguinte](https://www.facebook.com/editoraseguinte)

[contato@seguinte.com.br](mailto:contato@seguinte.com.br)

Era uma vez, em outra época, uma garota que vivia no reino da morte. Lobos uivavam em seu braço. Uma matilha inteira — feita de tinta e dor, memória e perda. Era a única coisa nela que sempre continuava igual.

Sua história começa num trem.

# 1

## PASSADO

OS NÚMEROS  
OUTONO DE 1944

Havia cinco mil almas espremidas nos vagões, transportadas feito gado. O trem gemia e se curvava sob o peso delas, exausto das muitas viagens. (Cinco mil vezes cinco mil. De novo e de novo. Tantos e tantos.)

Sem lugar para sentar, sem ar para respirar, sem alimento para comer. Yael se recostava na mãe e em desconhecidos até seus joelhos doerem (e muito, muito além disso). Ela inspirava o cheiro de lixo e tomava goles dos baldes de água cortante de tão gelada que os guardas enfiavam pela porta aos berros. Lá embaixo, nos trilhos, um gemido lento e balbuciante sussurrava seu nome, de novo e de novo: *ya-el, ya-el, ya-el*.

— Você não vai precisar ficar em pé por muito mais tempo. Estamos quase lá — sua mãe dizia, acariciando o cabelo da filha.

Mas “quase lá” demorava cada vez mais. Um dia se transformou em dois, em três. Horas sem fim de quilômetros chacoalhantes e frestas de luz do sol que cortavam como faca por entre as tábuas velhas do vagão e pelo rosto cinzento dos passageiros. Yael se apertou contra a saia de tafetá da mãe e tentou não ouvir o choro. Soluços tão altos que seu nome era quase abafado por eles. Mas, por mais sonora que ficasse a tristeza, ela ainda conseguia ouvir o sussurro. *Ya-el, ya-el, ya-el*. Constante, firme. Um segredo sob todas as coisas.

Três dias daquilo.

*Ya-el, ya-el, ya-el — piuí!*

Para.

Nada.

E então as portas se abriram.

— Saíam! Rápido! — gritou um homem careca, magro, usando roupas que pareciam um pijama, e continuou gritando. Mesmo depois que começaram a sair aos montes do vagão. Ele gritava e gritava de forma que fez Yael se encolher junto à mãe. — Rápido! Rápido!

Ao redor, era só negrume e clarão. Noite e holofotes. O ar gelado ficava mais cortante graças aos gritos dos guardas, rosnados dos cães e estalos de chicotes.

— Homens de um lado! Mulheres do outro!

Empurra, empurra, aperta, empurra, gritos. Um mar de lâ e pés se arrastava. Todos pareciam perdidos. Movendo-se, empurrando, chorando, sem saber. Os dedos de Yael agarraram a barra do casaco da mãe com tanta força que podiam muito bem estar costurados ali.

*RÁPIDO RÁPIDO VAI*, uma voz de ferro dentro de Yael lutava, empurrava e gritava. *NÃO SE DEIXE ARRASTAR...*

Todos seguiam numa direção só. Para longe das chicotadas e da boca dos cães. Para um homem sobre uma caixa de maçãs virada de cabeça para baixo, vigiando a multidão sombria e crescente na plataforma. A luz de um holofote o banhava. O tecido branco de seu jaleco cintilava e seus braços estavam abertos como asas.

Parecia um anjo.

Todo rosto que passava era avaliado e julgado por ele. Homens e mulheres. Velhos e jovens. Ele os puxava, examinava e indicava as filas.

— Pequeno demais! Doente demais! Fraco demais! Baixo demais! Velho demais! — O homem vociferava características como

se fossem ingredientes para uma receita perversa, dispensando os ofendidos com um gesto. Aqueles que aprovava recebiam um aceno de cabeça.

Quando viu Yael, não vociferou nem acenou. Apertou os olhos por trás dos óculos — olhos de uma serpente.

Yael apertou os olhos também. Havia uma agudeza no olhar dela afiada por três dias de medo e luzes fortes demais. Seus joelhos doíam e tremiam, mas ela se esforçou ao máximo para se manter firme. Não queria ser pequena demais, fraca demais, baixa demais.

O homem desceu da caixa e caminhou na direção da mãe de Yael, que se aproximou da filha para protegê-la. Mas não havia como se defender do olhar fixo do homem. Ele via tudo, observava Yael e a mãe como se fossem ternos que precisavam ser ajustados. Parecia tirar medidas com os olhos, imaginando o que alguns pontos e pregas seriam capazes de fazer.

Yael retribuiu o olhar. O homem era diferente visto de perto. Fora da luz, sob as sombras pesadas. (Elas pareciam ainda mais sombrias sobre ele, como para compensar aquela primeira impressão reluzente.) Seu cheiro também era peculiar. Limpo, sem ser. Aromas fortes e descamados. Yael o associou com alvejante, sangue e bisturis malcuidados.

Aquele homem não trabalhava com arautos, bênçãos ou milagres. Era um anjo de outro tipo.

Os joelhos de Yael doíam, doíam, doíam. Seus olhos ardiam e lacrimejavam. Ela continuou em pé. Continuou olhando firme. Apertando a saia da mãe com os dedos insistentes.

O homem de jaleco branco lançou um olhar para o guarda perto dele, que estava ocupado tomando notas numa prancheta.

— Reserve essa menina para o Experimento 85. É de longo prazo, então ela pode ficar alojada nos barracões das internas. Apenas corte o cabelo dela, não raspe. Vou precisar de fios para as amostras.

— Sim, dr. Geyer. — O guarda pegou a mão de Yael, passou a caneta na pele dela em dois golpes rápidos. Um X marcou a sobrevivente. — E a mãe?

O homem deu de ombros.

— Parece forte o bastante — foi tudo o que ele disse antes de voltar para a caixa, sob a luz que o fazia brilhar.

---

Yael nunca descobriu por que o dr. Geyer a escolheu. Por que ela foi escolhida para a fila dos vivos entre todas as criancinhas que saíram cambaleando dos vagões e que se agarraram ao casaco da mãe naquela noite.

Mas não demorou para descobrir para que tinha sido marcada.

A cada duas manhãs, após a chamada das quatro horas, um guarda gritava o número de Yael. Ela precisava segui-lo pelos portões de arame farpado e atravessar os trilhos do trem até o consultório do médico.

A enfermeira sempre amarrava Yael na maca antes das injeções. Ela nunca olhava de verdade para a menina, mesmo quando virava seu braço para conferir os números ali tatuados. Aqueles olhos aguados focavam o inanimado. Coisas como manchas de sangue ainda úmidas no piso ou salpicadas em seu avental branco imaculado. O couro preto reluzente dos sapatos. A prancha na qual anotava informações sobre Yael.

**INTERNA: 121358△X**

**IDADE: 6 ANOS**

**EXPERIMENTO: 85 — MANIPULAÇÃO DE MELANINA**

**SESSÃO: 38**

O dr. Geyer era diferente. Desde que atravessava o batente, não tirava os olhos de Yael. Sentava em seu banco com rodinhas, ligeiramente inclinado para trás, com os braços cruzados, examinando a garotinha diante dele. Não havia rugas em seu rosto — sua testa não franzia de cansaço e sua pele parecia não sentir o peso do mundo.

Ele até sorria quando fazia perguntas. Yael podia ver aqueles dentes brancos, os dois da frente levemente separados. Era ali que ela focava quando o dr. Geyer abria a boca. A lacuna. A incompletude de suas palavras calmas. A única ruptura de sua miragem paternal.

— Como você está se sentindo? — ele perguntava, debruçando-se no banquinho.

Yael nunca respondia com sinceridade. O que exatamente o dr. Geyer esperava que dissesse? O beliche que dividia com a mãe e outras três mulheres estava infestado de piolhos; à noite a temperatura caía tanto que a palha do colchão perfurava sua pele como agulhas; e ela tinha fome, sempre, por mais que a *babushka* no beliche em frente lhe desse rações extras de pão às escondidas toda noite.

*NÃO OLHE PARA AS FACAS DIGA O QUE ELE QUER OUVIR.*

Ela queria ser forte, corajosa, então dizia a única coisa que uma menina forte e corajosa poderia dizer:

— Bem.

O sorriso do médico sempre se abria ainda mais quando ela dizia isso. Yael queria que ele ficasse feliz. Não queria que as manchas de sangue no piso fossem dela.

Toda sessão ele examinava sua pele. Apontava uma lanterna ofuscante para seus olhos. Arrancava alguns de seus poucos fios curtos de cabelo para análise de cor. Quando a série de perguntas e respostas chegava ao fim, o dr. Geyer pegava a prancheta com a



enfermeira parada no canto. Sempre folheava as páginas, deixando o cabelo castanho cair sobre os olhos enquanto decifrava a letra indelicada da mulher.

— “Indícios de declínio uniforme da produção de melanina... Notados trechos mais pálidos na pele além de uma leve mudança na pigmentação da íris. Eumelanina também em redução, como se pode ver pela coloração do cabelo da cobaia.”

Eles nunca se referiam a Yael pelo nome. Era sempre “cobaia”. Ou, se precisavam ser mais específicos, interna 121358ΔX.

— Estamos fazendo progresso. — O sorriso do dr. Geyer aumentou, como se seus lábios fossem abertos por um pé de cabra. Ele devolvia a prancheta para a enfermeira, rolava o banquinho até a mesinha prateada onde as agulhas ficavam organizadas em fileira. Dentes de prata, querendo enfiar veneno na pele de Yael. Enchê-la de mais dois dias de ardor e agonia. Mudá-la de dentro para fora. Tirar todas as cores, os sentimentos e a humanidade de dentro dela. Drenar, drenar, drenar, até não sobrar nada.

Só o fantasma de uma menina. Uma casca oca.

Progresso.

## 2

# PRESENTE

9 DE MARÇO DE 1956

GERMÂNIA, CAPITAL DO TERCEIRO REICH

O sol era uma ameaça laranja no céu quando Yael saiu para a Luisenstrasse — uma artéria de asfalto no coração da cidade que já fora conhecida como Berlim. A garota tinha ficado tempo demais na cadeira do tatuador, suportando a agulha, a dor e as lembranças. Observando-o dar os últimos retoques pretos do último lobo preto.

Essa tinha sido sua quinta e última visita ao quartinho minúsculo dos fundos, com frascos de tinta e cadeiras de couro craquelado. Cinco visitas para cobrir os números tortos no braço esquerdo. Cinco visitas para cinco lobos. Eles pulavam, atacavam e uivavam no seu braço, até a altura do cotovelo. Pretos, sempre correndo, lutando contra sua pele.

*Babushka, Mama, Miriam, Aaron-Klaus, Vlad.*

Cinco nomes, cinco histórias, cinco almas.

Ou quatro lembranças e um lembrete, um jeito diferente de fazer a conta.

Mas o lobo de Vlad *precisava* ser tão perfeito quanto os outros, o que fez com que Yael arriscasse sua sorte ao máximo, vigiando o ponteiro do relógio na parede oposta, que avançava rumo ao pôr do sol. No fim, o lobo de Vlad ficou uma ferida aberta impecável, latejando sob a gaze enrolada às pressas.

Yael estava atrasada.

A Germânia era um lugar perigoso depois do anoitecer. O toque de recolher oficial era só dali a algumas horas, mas aquilo não impedia que as patrulhas rondassem pelas ruas da capital verificando documentos de almas aleatórias que passavam. Prontas para prender por irregularidades mínimas.

Nada de bom acontecia à noite, segundo os nacional-socialistas. O *Volk* honesto não tinha por que sair depois que as lojas e os bares fechavam. As únicas pessoas desesperadas o bastante para atuar sob a lua e as trevas pesadas eram os conspiradores da resistência, os salafários do mercado negro e os judeus disfarçados.

Yael era as três coisas.

Os líderes da resistência iam querer matá-la. Especialmente Henryka. A polonesa baixinha com cabelo seco e descolorido espetado em todas as direções era muito mais terrível do que seus traços indicavam. Yael teria preferido a voz rígida de comandante do Exército nacional-socialista de Reiniger à combinação furacão/mamãe-urso/avião de guerra que era Henryka.

No mínimo, os líderes lhe dariam um sermão. (Henryka: *Como você pôde ficar na rua até tão tarde?! Achamos que você tinha morrido ou coisa pior!* Reiniger: *Você faz ideia de como foi egoísta? Poderia ter comprometido a resistência inteira! Estamos tão perto... Tão perto!*) Isso se as patrulhas não a encontrassem antes.

A Luisenstrasse estava vazia enquanto Yael andava sob as luzes incandescentes dos postes. Uma longa fileira de Volkswagens — idênticos, exceto pelo código da placa — estava parada no meio-fio. O mercadinho já estava trancado, com as janelas escuras. Pôsteres de propaganda política — alguns velhos e enrugados, outros ainda com a cola fresca — cobriam as paredes entre uma porta e outra, lembrando os jovens arianos loiros e fortes de participar da Juventude Hitlerista. Lembrando suas mães de produzir mais jovens arianos loiros e fortes para participar da Juventude Hitlerista.

Yael não precisava andar muito, só alguns quarteirões, até a segurança do portão secreto do bar. Mas bastava um encontro. Uma resposta apressada demais.

A necessidade de andar rápido e evitar ser descoberta subia por sua garganta conforme ela corria diante dos pôsteres, dobrando uma esquina para entrar numa ruazinha isolada.

E dar de cara com uma patrulha.

Era uma unidade-padrão: dois jovens com Mauser Kar98Ks nos ombros. Os soldados estavam recostados numa parede, dividindo um único cigarro do mercado negro. A fumaça ilegal saía em caracóis de seus lábios como dezenas de fantasmas. Branca — não preta como os vagalhões da infância de Yael. Aquela que emanava, dia e noite, das chaminés altas. Quando ela era muito pequena, pensava que um monstro vivia atrás das paredes de tijolos cobertos de fuligem. (Agora sabia a verdade. Tinha visto as fotos e as listas infundáveis de mortos. Sequências e sequências de números como aquele que seus lobos escondiam. Havia um monstro, mas ele não morava no crematório do campo de extermínio. Seu covil era muito mais elegante: uma chancelaria cheia de obras de arte roubadas e portas com fechaduras de aço.)

*Aquela* fumaça, a fumaça branca, desapareceu rapidamente quando os soldados a viram. O primeiro jogou o cigarro no chão, apagando-o com o calcanhar. O segundo a chamou com a voz grossa:

— Você aí! *Fräulein!*

Ela não tinha como voltar agora.

*ANDE RETO NÃO DEMONSTRE O MEDO.*

Quando Yael parou diante da dupla, fez a saudação obrigatória sem hesitar.

— *Heil Hitler!*

Os dois retribuíram a saudação em voz baixa. O primeiro sol-

dado esfregou ainda mais o tabaco com o calcanhar contra a calçada. O segundo estendeu a mão.

Yael levou uma fração de segundo para entender o que ele estava pedindo. Ela havia passado por aquela situação com patrulhas antes (mais vezes do que admitiria a Henryka e Reiniger), mas a visão da fumaça, somada às horas no quartinho dos fundos do tatuador, a deixou aturdida. Não era a tinta ou a dor, mas a agulha em si. A lembrança de agulhas. Do que eram capazes de fazer. Do que tinham feito.

Em sua função mais básica, agulhas fazem duas coisas: dão e tiram. As agulhas do tatuador tiraram a pele branca e os números, e lhe deram lobos. As do dr. Geyer haviam tirado muito mais. Mas o que deram...

Yael teve muitos rostos. Muitos nomes. Muitos documentos. Porque as substâncias químicas que o Anjo da Morte tinha enfiado nas veias dela a transformaram.

— Documentos — o segundo soldado exigiu.

Yael sabia que era melhor não discutir. Seus dedos se dirigiram ao bolso da jaqueta de couro e tiraram a caderneta correspondente ao rosto atual.

— “Mina Jager” — o soldado leu em voz alta. Olhou da foto para o rosto e de volta para a foto. Passou para a página amarelada seguinte para ler a história nada extraordinária de Mina: nascida na Alemanha, loira, membra da Juventude Hitlerista. A biografia básica de qualquer adolescente num raio de dezesseis quilômetros.

— O que a senhorita está fazendo na rua a esta hora, *Fräulein* Jager? — o primeiro soldado perguntou enquanto o outro continuava lendo.

A verdade? *Voltando de um tatuador clandestino que cobriu os números que me identificam como judia antes de entrar numa missão ultrasecreta em nome da resistência para pôr fim à Nova Ordem.* Soava tão absurdo que os soldados poderiam dar risada se Yael contasse. Seu lado in-

solente queria arriscar, mas ela escolheu a resposta mais adequada. A mais monótona.

— Achei que daria tempo de ir ao mercado antes que fechasse. Os ovos acabaram e minha mãe me mandou comprar mais.

— Ovos... — O primeiro soldado franziu a testa e indicou o braço dela com a cabeça. — O que é isso?

Yael olhou para a manga esquerda da jaqueta. O curativo tinha sido feito às pressas. A ponta branca desfiada da gaze aparecia por baixo do couro.

— Um curativo — ela respondeu.

Ele se debruçou. Aproximou-se, curioso. O hálito seco pela fumaça.

— Vamos dar uma olhada.

Raios, *tum, verdammt*, bateu o coração de Yael.

Ela podia manipular sua aparência da mesma forma que outras pessoas podiam trocar de roupa. Conseguia modificar muitas coisas naquelas trocas de pele: sua altura, seu peso, sua cor de pele, seu cabelo, o timbre de sua voz. Mas certas coisas não, como sexo, feridas e tatuagens.

Elas ficavam.

Os lobos eram sua constante, sua única coisa sólida e segura. Meses antes, quando voltou à sede da resistência com o primeiro lobo recém-feito, Henryka teve muito a dizer a respeito (principalmente que a tatuagem “a entregava”). Chegou até a lembrar que as leis religiosas do povo de Yael proibiam tatuagens.

Mas já estava feito. Fazia mais de uma década que a tinta estava sob a pele de Yael. Ao acrescentar os lobos, ela simplesmente a tornou pessoal. Aquelas novas marcas eram muito melhores do que os números dos nacional-socialistas. Elas não bastariam para condenar Yael, mas levantariam suspeitas se a patrulha visse. Suspeitas suficientes para fazer com que fosse detida.

A única coisa que levantaria mais perguntas seria se Yael se recusasse a obedecer à ordem do soldado. Ela ergueu a manga devagar, bem devagar. A gaze subia por todo o braço. Estava manchada com pontos cor de ferrugem e desfiada nas pontas.

O soldado apertou os olhos para examinar.

— O que aconteceu?

O coração de Yael batia mais alto agora (*DROGA, TUM, VERDAMMT. DROGA, TUM, VERDAMMT*), pulsando rápido com a noção de que uma gaze fina a separava de uma catástrofe. Bastava o soldado estender o braço e puxá-la. Ver a tinta, a carne viva e o sangue.

E então?

Sempre havia uma saída. Vlad tinha ensinado aquilo a ela, além de muitas outras coisas. Aqueles dois homens e seus rifles não se comparavam ao que ela havia aprendido, mesmo naquele corpo de uma jovem de dezessete anos. Yael poderia nocautear os dois e desaparecer em menos de vinte segundos.

Poderia, mas não faria aquilo. Um incidente tão perto da sede da resistência, na véspera de sua primeira missão, seria arriscado demais. Atrairia a atenção e a fúria da Gestapo. Colocaria a resistência em risco. Arruinaria tudo.

Sempre havia uma saída, mas naquela noite (mais do que em qualquer outra) precisava ser uma saída limpa.

— Foi uma mordida de cachorro — Yael respondeu. — Um vira-lata me atacou alguns dias atrás.

O soldado avaliou o curativo por mais um segundo. Sua postura agressiva relaxou. Era como se ele quisesse bater papo.

— Foi feio? — ele perguntou.

*Foi feio?* Yael teria preferido mil e uma mordidas de cachorro ao que realmente acontecera. Trens e cercas de arame farpado. Morte, dor e morte.

— Sobrevivi — ela disse, com um sorriso.

— Vira-latas são bons para treinar tiro ao alvo. Quase tão bons quanto comunistas e judeus. — O soldado deu risada e bateu na coronha de sua Mauser. — Vou atirar no próximo que vir por você.

Yael manteve os lábios retraídos do jeito sério e dócil de Mina. A máscara de boa *Reichling*. Só mostrava raiva nos lugares invisíveis do corpo. Ela apertava os dedos dos pés com força dentro das botas. Os das mãos estavam no bolso do casaco, onde ficava sua pistola Walther P38 de confiança.

O segundo soldado fechou a caderneta e Yael viu o selo do Reich na capa. As asas da águia eram rígidas: uma saudação dupla. A guirlanda e a cruz gamada pendiam sem esforço de suas garras. Tudo era tão negro quanto aquela fumaça monstruosa. A mesma escuridão que cresceria dentro de Yael se permitisse que as memórias voltassem.

— Parece que está tudo em ordem, *Fräulein Jager*.

Ele estendeu a caderneta para ela. Yael sentia um gosto de fuligem na garganta. Seus dedos dos pés estalavam — *pop, pop, pop* —, pequenos disparos baixos dentro das botas.

Havia uma hora e um lugar para lembrar. Havia um alvo esperando por sua fúria, sua vingança. Não aquela noite, aquela rua, aqueles homens.

Sua mão soltou a arma. Yael estendeu o braço e pegou os documentos.

— Obrigada — ela disse enquanto enfiava as páginas da vida de outra garota no bolso do casaco. — Preciso ir. Minha mãe vai ficar preocupada.

O segundo soldado assentiu.

— Claro, *Fräulein Jager*. Desculpe por atrasar a senhorita.

Ela começou a andar, com a mão enfiada no bolso do casaco, segurando firme os talismãs que guardava ali: uma tachinha velha e



uma boneca de madeira do tamanho de uma ervilha com o rosto apagado. Um a um, seus dedos dos pés foram relaxando. A escuridão se retraiu, retornando ao seu sono agitado.

— Cuidado com os vira-latas! — o primeiro soldado gritou para ela.

Yael ergueu a mão para agradecer, mas não se virou. Estava cansada de soldados e vira-latas.

Tinha coisas muito piores para enfrentar.